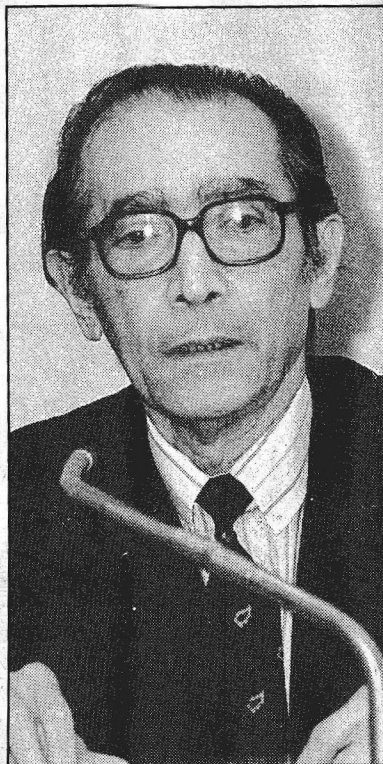
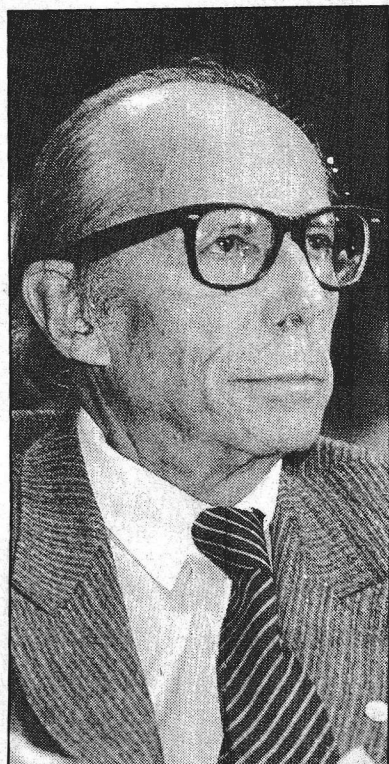


Economistas cobram plano de longo prazo



Walter Diogo

Especial para o Correio

Rio — Ter ou não ter um plano estratégico de longo prazo é hoje a questão que divide os economistas brasileiros.

A decisão vai depender do próximo governo e da capacidade de empresários e trabalhadores chegarem a um acordo com relação à questão social, à redução dos custos nos negócios e a oferta de empregos.

A economista Maria da Conceição Tavares, uma das principais teóricas do grupo que assessora o candidato Luiz Inácio Lula da Silva, defende a definição imediata para o país de um plano estratégico.

Para Conceição ele deve conter linhas mestras com relação à energia, estradas, siderurgia, telecomunicações, habitação, saúde, previdência, agricultura e educação.

“Burrice” — “O Brasil precisa saber para onde vai nos próximos dez anos. Mesmo que o presidente seja de um outro partido na

sucessão, o importante é que ele tenha uma visão de futuro e saiba o que vem na frente”, avalia.

Segundo a economista isso não significa que o Brasil vai aumentar a presença do Estado na economia ou voltar a comandar o processo de produção.

Maria da Conceição Tavares diz que o Brasil vive hoje uma fase de grande burrice porque o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social não tem mais plano estratégico, não lidera o processo de desenvolvimento econômico regional ou setorial.

“O BNDES tem quase US\$ 15 bilhões paralisados, sem ter onde investir e o país não sabe o que fazer. O Brasil tem dezenas de hidroelétricas paralisadas na metade, as estradas estão se destruindo por falta de conservação e investimentos em ampliação e o BNDES não financia nada. O setor siderúrgico está parado. Há um pensamento liberal dominante e uma economia perplexa. Por enquanto, estamos combatendo a inflação”, conclui.

Campos acha que o Brasil não deve se preocupar com planos de longo prazo, enquanto Veloso, Conceição e Marcílio se preocupam com o futuro